Ano VIII — Lisboa, Janeiro de 1952 — N.º 81

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O sétimo aniversário do "Sempre Pronto"

Com o dealbar do ano de 1952 entra o «*Sempre Pronto*» no oitavo ano de publicação! Não podemos proferir estas palavras sem um acento de regozijo. Os sete anos de vida do nosso jornal dão-nos francos motivos de satisfação, ainda que se esteja longe de realizar tudo quanto sonháramos. Porém, ao chegarmos a este ponto, compreendemos ter ultrapassado os prognósticos mais optimistas sobre a vida deste jornal, quando apareceu o primeiro número

Sete anos de publicação ininterrupta é caso inédito nos meios escotistas! Mas a que se deve tal êxito? Segundo o conceito de Girardin, são os assinantes, e não os redactores, que fazem os jornais. De facto, é difícil a um jornal subsistir sem a multidão anónima que o paga e realiza a função sem a qual tudo nele seria em pura perda: a leitura. Um jornal que não é lido assemelha-se à algaraviada de um louco na praça pública, a que ninguém presta atenção. Quando isso acontece, o jornal já deixou de o ser e tornou-se como que um prospecto que todos pegam e ninguém lê. O leitor é, por isso, fundamental em qualquer periódico. Porém, no caso do «*Sempre Pronto*», haverá mais justiça se se disser que o seu êxito substancia-se na união de boas vontades não só dos seus assinantes, como também na dos outros colaboradores: redactores, correspondentes, gerente e pessoal da empresa gráfica, etc. O esforço de todos é certo que não chegou para uma obra de vulto, mas materializou-se num trabalho honesto e útil, ainda que não isento de bastantes escolhos.



Speideren—Noruega

E o futuro? Todos sabem que os tempos correntes apresentam-se cada vez mais eriçados de dificuldades para as empresas deste género, que são como as nascentes que brotam da terra: dão tudo sem nada pedirem. É pois indispensável cada qual aumentar o seu afã pelo «*Sempre Pronto*» para que os obstáculos não nos tolham os movimentos. A nossa força não reside no poder das nossas concepções, mas sim no agregado de esforços, na união de vontades que é o esteio daquelas obras que se fazem apesar de tudo e contra tudo.

A senda não está desprovida de dificuldades, é certo. Todavia, uma certeza nos enche de satisfação: é que o «*Sempre Pronto*» continua a bem do Escotismo português! Por esta vitória que, como dissemos acima, é a vitória do zelo de todos nós, colaboradores e assinantes, aqui fica expresso o reconhecimento do «*Sempre Pronto*».

CAMPANHA PARA NOVAS ASSINATURAS!

O «Sempre Pronto» lança hoje um apelo a todos os seus amigos — Escoteiros e Antigos-Escoteiros — para que colaborem nesta campanha, propondo-nos novas assinaturas.

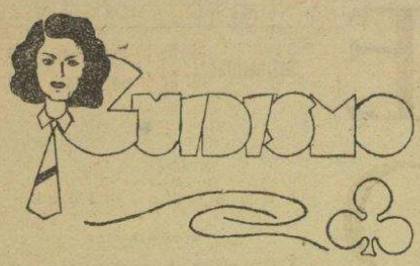
Um Ano Novo!

O ano de 1952 — o Ano Novo — começou já a correr através do Tempo, pressuroso em alcançar a meta para entregar o facho que recebeu das mãos fatigadas de 1951. Entretanto, estamos em plena época de festas. É que esta passagem de ano, apesar de tão natural, reveste-se sempre de interesse e de significado. Particularmente a mocidade recebe o Ano Novo com entusiástico alvoroço. É mais um passo a caminho das suas Esperanças, ao encontro dos seus Projectos, na realização dos seus Sonhos. Cada Ano Novo é uma Promessa, uma agradável promessa de Felicidade, de mil venturas pessoais, que o jovem espera se desdobrarão fagueiramente ao longo da vida.

Os cumprimentos de Boas-Festas repetem-se, cruzam o espaço, atravessam oceanos, enchem a Terra em votos de boa fortuna. Mas quase só os novos os entendem como expressão de uma realidade, de um objectivo que o Ano Novo oferece àqueles que o recebem de braços abertos. Os mais velhos, desiludidos, cépticos à força de revezes, ao manifestarem os desejos de Felicidades, deixam aflorar aos lábios um sorriso onde se adivinha, embora disfarçada, a nota triste da descrença.

Mas a gente nova tem razão! Faz bem em acolher o futuro com optimismo. Poderão ser apodados de ingénuos, escarnecidos pela sua inocência. A vida, de facto, tem sido áspera, os anos angustiosos; muito custoso sobreviver, doloroso mesmo existir. Contudo na Terra existe com abundância tudo o que é essencial à felicidade humana. Deus criou o homem e rodeou-o de Beleza, de Abundância, de Calor. O homem, porém, esquecido do seu Criador, julgou-se o centro do Universo, ignorou a sua origem e o seu destino, e, convencido de que esta vida passageira — estes Anos Novos tão depressa encanecidos — constituía a finalidade da

(Conclui na 2.ª página)



Do 7.º Artigo da Lei da Guia

Uma Guia é obediente e disciplinada. Eis aqui sòmente duas palavras, obediente e disciplinada, que por si só podem formar a mais firme e indestrutível base, para levar rectamente até ao fim o caminho da nossa vida.

Nascer e viver, já significam actos de obediência para com o Supremo Criador; e igualmente o supremo acto de morrer, quando a morte chega, conforme se nos diz — «como ladrão durante a noite» — é tudo um gesto de humilde acatamento ante a suprema lei. Mas não sòmente por estas coisas, nascer, viver, morrer, se é obediente e disciplinada. Existem seres, que além de nascerem por um acto simples, como pelo visto nascem todos os humanos, vivem despreocupados e, o que é muito pior, desgraçadamente, morrem despreocupados. Ah, não! A humildade obediente e a rectidão de uma alma disciplinada deverão fomentar-se diàriamente, constantemente, não permitindo a menor brecha no edifício dos nossos deveres ou obrigações.

Uma Guia obediente e disciplinada é aquela que prepara de tal modo a sua consciência que, quando todos os seus sentidos e apetites lhe estão gritando sim, sabe dizer, valente e alegremente, não!... Uma Guia obediente e disciplinada, é aquela que o está fora, e o que é mais importante, dentro dela mesma; aquela que, sempre pronta, está bem preparada para dizer não, ante a preguiça, a negligência ... o desalento. Eu sei bem que, às vezes, resulta difícil, superior às próprias forças, abrir a flor do sorriso ante lábios que se fecham duramente, e estender a mão generosa perante costas que se voltam. Porém, isto pode fazer-se. Sujeitemos a nossa paixão, ordenemo-la, disciplinemo-la. É indubitável, que dentro de nós mesmos, junto às trevas, se nos pôs uma luz; busquemo-la com esforçado coração, porque é ela que nos deverá ajudar no labor árduo, mas não impossível, da nossa auto-educação. Ela nos ajudará a disciplinar o nosso ânimo fraco e a saber sempre ser obedientes a essa disciplina.

Um ânimo ordenado e sempre pronta para servir é sinal de uma moral elevada. Uma moral firme, a qual, ainda que pesasse a todas as renúncias que se lhe impusessem, saberia sorrir sempre, porque não esqueceria nunca que «ao inverno segue a primavera, à primavera o verão, e que depois da tempestade vem a bonança».

LORETO AZPEITIA Y L. de AYALA
ALMA AZUL

Um Ano Novo!

(Conclusão da 1.ª página)

sua existência, lançou-se no Egoísmo mais grosseiro, na Ambição mais sôfrega, na Inimizade mais rancorosa, fez-se verdugo do seu irmão, arrecadou em quantidades supérfluas aquilo de que carece o seu vizinho. Nasceu aí o mal que pesa brutalmente sobre a humanidade.

A mocidade optimista, que sonha ainda com uma vida feliz, tem de arripiar caminho evitando cair no abismo das gerações que a precederam. O Mundo carece de Amor, está faminto de Generosidade, ansioso por Paz. A juventude poderá buscar no Autor da Vida a energia espiritual necessária para imprimir à Humanidade, num esforço vigoroso bem próprio de gente nova, uma era de Boa-Vontade, onde a Felicidade seja pão repartido por todos. E que os mais velhos, aqueles que não comprometeram a sensibilidade de consciência na louca sofreguidão de poder ou de riqueza, possam escutar neste alvorecer de 1952 o sábio conselho de Paulo, grande pioneiro do Cristianismo, na sua carta aos cristãos de Éfeso: — *Despojai-vos do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano;... e revesti-vos do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade.*

Jovens e Adultos têm nas suas mãos o segredo de transformar a incógnita de 1952 num Ano Bom. De todos nós, da nossa atitude, depende inteiramente o milagre. Mudaremos o aspecto do pequeno mundo onde gravita a nossa existência, e do Mundo em geral, se nos debruçarmos sobre o nosso semelhante inquirindo das suas necessidades para o auxiliarmos em todas as circunstâncias. O mal da humanidade é a indiferença com que olhamos aqueles que connosco fazem a viagem da vida, o ódio que votamos àqueles que nos estorvam a marcha. Precisamos de um movimento colectivo de Fé em Deus e de confiança nas próprias possibilidades humanas, espargindo amor em nossa volta. O ano ora encetado será um Ano Bom — muito bom mesmo — se em vez de nos empurrarmos procurando que o nosso lugar na Terra seja mais largo à custa do espaço alheio, dermos as mãos, amparando-nos nesta jornada difícil, facilitando a vida àqueles que de nós dependem ou connosco privam.

Fazei aos outros o que quereis que os outros vos façam é regra de ouro que Jesus ensinou aos homens. Ensinou e exemplificou. Por isso pôde estabelecer: — «*Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei a vós*». Da observância ao mandamento do nosso Redentor dependerá a felicidade do mundo. A norma é infalível porque é divina, é exequível porque foi exemplificada. Não é contudo um amor platónico, mas um amor que renuncia aos direitos e se sacrifica em benefício dos próprios inimigos. É esta a forma como Jesus nos ama e como nos manda amar o próximo.

Baden-Powell, que se nutria nesta mesma fonte, e imaginou por isso esta obra de boa-vontade que é o Escotismo, podia afirmar aos seus amigos-escoteiros: — *A melhor maneira de alcançar felicidade é espalhá-la em volta de vós.* Há cerca de vinte anos surgiu em Lisboa um produto destinado a produzir uma bebida gasosa e refrescante. Era conhecido, decerto que impròpriamente, pelo nome de «vitaminas». Tinha a singularidade de se não consumir e crescer sempre, permitindo assim dividi-lo e presentear amigos e vizinhos. Em quase todas as casas de Lisboa existiam as tais «vitaminas» porque se multiplicavam sempre.

A Felicidade é algo semelhante. Multiplicar-se-á se a distribuirmos profusamente entre os nossos amigos e vizinhos. Façamos a experiência neste Ano Novo. Como Escoteiros é esse o ideal da nossa vida. Se o leitor é apenas amigo dos Escoteiros, será porque reconhece a beleza das nossas doutrinas e é, portanto, escoteiro também de coração. Podemos, assim, dar todos as mãos e, sempre que de nós dependa, procuremos criar felicidade na Terra, produzir Alegria, promover Bem-Estar. Se assim fizermos, teremos um excelente Ano Bom, repleto de venturas pessoais. São estes os votos que o «*Sempre Pronto*» faz aos seus colaboradores, amigos e leitores para 1952.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

De Luto — Pelo falecimemto de sua Irmã, Sr.ª D. Clélia Reigosa Martins Jorge, encontra-se de luto o nosso amigo e assinante dedicado Sr. Afonso C. Reigosa, antigo escoteiro do Grupo 2, a quem apresentamos condolências muito sentidas.

● Pelo falecimento de seu Pai, o Sr. Augusto Ferreira, ocorrido em 13 de Janeiro corrente, encontra-se de luto também o nosso caro amigo Sr. José Ferreira, Subchefe do Grupo 55, a quem endereçamos sentidos pêsames.

ESCOTEIROS DE PORTUGAL

SERVIÇOS CENTRAIS

Do Boletim Oficial n.º 7, de 27 de Outubro p. p., extraímos algumas rubricas de interesse geral ou de que ainda não demos notícia:

Novas Sedes de Grupos — O Grupo n.º 2 transferiu a sua sede para dependências cedidas pela Junta de Freguesia da Ajuda, na C.da da Ajuda, 236.

* O Grupo n.º 7 instalou a sua sede numa dependência cedida pelos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, no seu quartel na Rua Camilo Castelo Branco, 33.

Serviço de Material e Uniformes— Estes serviços funcionam às 2.as e 6.as feiras das 21,30 às 23 horas.

Grupos sob observação atenta — Tendo os dirigentes dos serviços centrais e regionais verificado que alguns grupos não oferecem actualmente as necessárias condições de trabalho eficiente, foi resolvido colocar na situação de *actividade provisória*, reorganização e *observação atenta* pelo praso de 3 meses, os seguintes grupos:

N.º 8 — Póvoa de Santa Iria
N.º 36 — Tomar
N.º 49 — Setúbal

Terminado o referido período e verificada a impossibilidade destes grupos trabalharem em condições de prestígio para o Movimento e proveito dos Escoteiros, será proposta a sua extinção.

Demissões — Depois de estudado o caso da Região Norte, foi resolvido regularizar a situação criada, aceitando os pedidos de demissão do Chefe da Região Norte, Sr. Aníbal Tomás dos Santos; e respectivo Adjunto Sr. Manuel B. N. Amorim.

* Foi aceite o pedido de demissão do Chefe da Região Centro, Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento, em vista da «impossibilidade de continuar a dar a actividade, como é necessário, ao cargo que vem desempenhando».

Regista-se a boa vontade que mostrou no desempenho da sua função.

* Foi aceite o pedido de demissão do Sr. Raul Costa do cargo de chefe dos serviços de Arquivo Central.

Regiões Norte e Centro — Em virtude das demissões acima, e até novas nomeações, são suspensos os serviços das Regiões Norte e Centro.

Nomeações — Foi nomeado Chefe dos Serviços de Arquivo Central o Sr. José António Ferreira de Passos.

* Foi nomeado Chefe Ajudante do Grupo n.º 1 o Sr. Luís António dos Santos. (1)

(1) N. da R. — O Chefe Luís António dos Santos é um Antigo Escoteiro do Grupo n.º 2, onde teve vários anos de serviço, tendo regressado à actividade por ocasião da reorganização do Grupo n.º 1.

Elegância Escotista

Merece a pena voltar a este tema. Efectuou-se recentemente um novo desfile escotista, o que nos proporciona oportunidade para alguns comentários, que reputamos úteis. Primeiramente, devemos felicitar os chefes dos grupos de Lisboa porque a apresentação dos seus rapazes foi francamente melhor. Mas é possível melhor e a apresentação ainda não é satisfatória. Principalmente as meias aparecem ainda de cores diversas.

Contudo, o pior é o mais fácil de remediar. Muitos escoteiros, principalmente os seniores, não sabem colocar o chapéu na cabeça. Usam-no tombado para trás, numa posição de *faia* tão deselegante quanto imprópria de escoteiro. Já entre os escoteiros que foram a Londres aparece um, não sabemos de que Grupo, que estragou todas as fotografias porque surge sempre com o chapeu caído para a nuca e levantado na testa. Tal uso dá um aspecto péssimo. O chapéu escoteiro usa-se direito na cabeça, querendo, levemente tombado à direita.

Esperamos que, de futuro, todos os escoteiros irão empregar o melhor cuidado na colocação do seu chapéu-escoteiro. Com um pouco de brio a apresentação do uniforme terá mais elegância.

Outro facto, que muito estranhámos neste último desfile, foi a abundância que alguns grupos apresentam de «*escoteirinhos*», carregados de insígnias de aptidão e cordões de mérito juniores, que já dobraram a casa dos 30 anos. Meus amigos, há um equívoco grave. O escotismo é para rapazes. Depois do casamento ou depois de certa idade não há mais lugar para tais escoteiros nas fileiras do grupo. É ridículo apresentarem-se homens com insígnias que se destinam a escoteiros juniores.

É de louvar a dedicação desses Escoteiros pelo Movimento. Mas se têm qualidades, se a sua vida moral é própria de escoteiros e desejam trabalhar, no Escotismo há lugar para todos. Os grupos precisam de Secretários, Tesoureiros, Instrutores, Chefes. Nos Serviços Centrais há uma falta aflitiva de quem possa desempenhar certos cargos e até nós, no «Sempre Pronto», precisamos imenso de colaboradores. Aproveitem-se essas boas-vontades para o desempenho de cargos dirigentes, mas não nos equivoquemos julgando que o Escotismo — esse jogo alegre de que fala B.-P. — se destina a adultos. Os adultos são precisos no Movimento para servir uma causa nobre e útil à mocidade. Acabemos, pois, com os «*escoteirinhos*» de 30 a 40 anos, utilizando os seus préstimos para cargos dirigentes.

E. R.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

UM ESCOTEIRO NA RESISTÊNCIA

Emocionante relato da guerra de «maquis»

Do «SCOUT» N.º 3

«Retiramo-nos com cuidado e tomamos o caminho da volta. Temos fome e sobretudo sede. A nossa garganta está tão seca que nem podemos comer. Felizmente encontramos medronhos pelo caminho com frequência.

«Para o lado de Cime du Mas, distingo um camponês diante duma casa queimada. Observo-o com os binóculos assim como tudo o que está à roda. Nada de suspeito. Ponho-me a descoberto e faço-lhe sinal com o braço. Ele responde-me. Faço-lhe sinal para vir. Aproxima-se todo a tremer. Realmente estamos sujos e com uma barba de meter medo: «Não há alemães na sua casa? —Não.—E nestes bosques?—Passaram muitos esta manhã.—A que horas?—Pelas nove horas». Sorrio com os meus botões ao pensar que esta manhã passámos neste grande vale descoberto um quarto de hora antes da coluna alemã. Foi uma grande ideia a de partir mais cedo e não parar! «Tem alguma coisa que se beba?— Tenho, venham daí».

«Entramos na sua cave onde vive empilhada toda a família dele. Os alemães queimaram-lhes a quinta há três dias, mas deixaram-nos vivos só por um milagre. Oh maravilha das maravilhas! o bom homenzinho dá uma grande tijela de leite a cada um de nós. Partimos novamente, bem dispostos, felizes com a bela tarde que doura as admiráveis florestas de Vercors. Ah! Eis de novo a estrada a transpor. Menos cuidadosos que de manhã, preparamo-nos para a atravessar, quando, de súbito, surge a 20 metros um carro que não ouvimos por causa da encosta. Escondo-me numa vala, enquanto que o meu soldado, completamente estupefacto continua de pé com os olhos muito abertos. O carro passa cheio de alemães, de capacete, armados, sem dúvida uma patrulha que volta. É impossível que não tivessem visto o meu soldado e a sua metralhadora e vão decerto fazer uma batida... Aproveitando a nuvem de poeira levantada pelo carro, transponho a estrada com um pulo arrastando o meu soldado comigo. Andamos alguns metros na mata e estaco, pondo-me à escuta. O carro afrouxa, quase que pára, depois arranca e oiço-o afastar-se e desaparecer. A presa não lhes parece interessante para caça.

«Retomando agora todas as regras da segurança, nós tornamos a caminhar através do bosque, em silêncio, atentos a todos os barulhos com a vista fixa na bússola.

«Mas o tempo passa, o sol tomba, é preciso voltar antes da noite. Encontro um atalho que vai dar às proximidades do nosso campo e nos evitaria a fadiga da marcha pelos bosques. Vou por ele? Observo o chão com atenção. Há vestígios dos saltos cardados dos alemães, mas parecem-me antigos. Vamos! E com um passo igual, sempre silenciosos, caminhamos prontos a mergulhar para a esquerda ou para a direita em caso de encontros desagradáveis. O sol põe-se. Apressamos o passo e, ao princípio da noite, mortos de cansaço, mas inteiramente felizes, nós chegamos à nossa moita de buxo, que nesta noite nos parece o mais belo campo do mundo.

«Depois, dei muitas graças a Deus, mas a minha gratidão vai também para Baden-Powell e para o Escotismo. Se eu não me tivesse treinado desde a minha infância na ciência da floresta e em todas as artes do Escoteiro, teria poucas probabilidades de me desempenhar bem desta missão assim como de muitas outras do mesmo género».

FIM

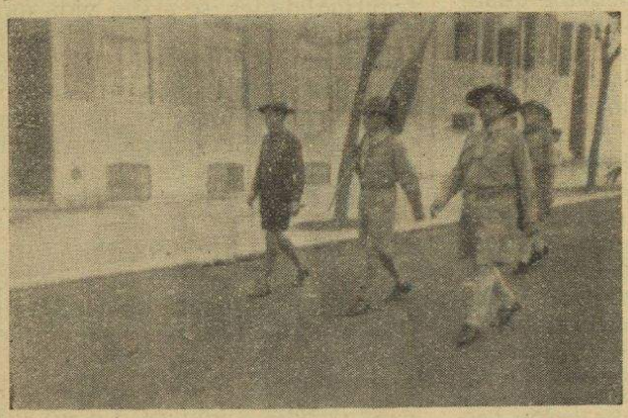
O DESFILE DO 1.º DE DEZEMBRO



As bandeiras associativas desfilam na Avenida da Liberdade



O rámo de flores é transportado por um escoteiro



A bandeira nacional



O ramo de flores é colocado no Monumento dos Restauradores

As comemorações do 1.º de Dezembro

Em Lisboa a A. E. P. e o C. N. E. desfilaram em conjunto

As duas associações escotistas portuguesas desfilaram em conjunto, no dia 1.º de Dezembro, perante o Monumento aos Restauradores. A iniciativa de fazer o desfile em conjunto partiu da A. E. P., mas o C. N. E. acolheu a ideia com toda a simpatia. Merecem, por tal gesto, ambas as Direcções, as felicitações de todos os Escoteiros.

Não tendo sido feriado obrigatório, as duas associações não puderam apresentar os seus efectivos completos. Mas mesmo assim juntaram-se 160 escoteiros, 100 da A. E. P. e 60 do C. N. E., que desfilando a partir da Rua Barata Salgueiro, depuseram um ramo de flores no monumento e destroçaram na Praça do Comércio.

O Chefe Geral da A. E. P. e Dirigentes superiores do C. N. E. tomaram parte no desfile, que foi dirigido pelo Chefe Armando Lino, e teve a presenciá-lo numeroso público.

No Entroncamento

A Banda anexa ao Grupo de Escoteiros 84 fez a alvorada tocando através das ruas da Vila o hino da Restauração. Mais tarde içaram a bandeira nacional e do concelho no edifício camarário, e a do grupo na respectiva sede.

Em Olhão

O grupo n.º 6 não pôde comemorar no dia 1 a data da Restauração, em virtude do feriado não ter sido, infelizmente, observado pelo comércio e indústria. Mas fê-lo no dia 2, domingo. Logo às 6,30 da manhã houve concentração na sede, deslocando-se os escoteiros para o campo de Jogos, onde já se encontravam as patrulhas «Galo» e «Águia», que passaram a noite debaixo de tenda.

As patrulhas instalaram os seus subcampos, tendo sido disputado o prémio «Melhor Campo».

Às 10 horas, todo o Grupo e a secção feminina desfilaram pelas ruas da Vila seguindo-se uma sessão comemorativa do 1.º de Dezembro de 1640. Presidiu o dedicado Presidente da Câmara Municipal de Olhão, Sr. Antero Nobre, antigo escoteiro e membro da Fraternal, que foi secretariado pelos srs. Mário Gentil-Homem, director da «Gazeta de Olhão» e Alfredo dos Santos Delgado, membro da Comissão de Patrocínio do Grupo.

O escoteiro José Trindade do Carmo Rocha fez uma palestra alusiva à data comemorada. Foi feita a entrega de várias insígnias, e prestaram Promessa duas «Fadas» e um «Lobito».

De igual forma prestaram Compromisso de Honra 3 novos escoteiros, um dos quais fez a cerimónia de passagem a Lobito.

Um trofeu para premiar a boa acção mais escotista de um escoteiro do Grupo de Olhão instituído pelo Chefe do Distrito do Algarve

Antes de encerrar a sessão, o Sr. Presidente da Câmara, de quem são filhos o novo lobito e um dos novos escoteiros, discursou largamente acerca do Escotismo e do Grupo e, referindo-se ao interesse e simpatia que o Sr. Dr. Agostinho Joaquim Pires, ilustre Governador Civil do Distrito, tem pelo Grupo, comunicou a oferta pelo mesmo senhor de um trofeu destinado a premiar a boa acção mais escotista praticada durante 1952 por um escoteiro do Grupo.

No final do seu discurso o Sr. Antero Nobre foi muito felicitado.

De tarde, o Grupo 6 fez ainda uma exibição de jogos escotistas.

Noutros grupos e em diversas Regiões efectuaram-se ainda cerimónias comemorativas desta data patriótica, mas os nossos correspondentes nessas unidades nem sempre são solícitos em comunicar-nos as suas notícias, o que é muito lamentável.

Tenente-Coronel Léo Borges Fortes

Este nosso caro Amigo, ex-Comissário das Relações Exteriores da União dos Escoteiros do Brasil, que esteve no nosso país por ocasião das Reuniões dos Comissários Internacionais, tendo deixado aqui muitas simpatias, foi já há meses promovido ao posto de Tenente-Coronel do Exército Brasileiro, motivo por que lhe endereçamos as nossas felicitações.

BATRÁQUIOS

A RÃ

Com certeza já ouviste à beira de um regato ou de um lago o coaxar das rãs. Talvez ainda não tivesses tido oportunidade de as observar.

Mas olha que é um animal curioso. Aproxima-te cautelosamente do lago ou regato e observa: O corpo da rã apresenta na parte superior cores verdes com manchas pretas, e uma linha clara no meio do dorso.

Na parte inferior a cor é clara e sem manchas. No inverno a cor da rã é mais escura.

Como talvez já sabes, a rã é um batráquio, vive nas águas mais ou menos estagnadas ou baixas.

A cabeça é triangular, deprimida e truncada no focinho, e não se distingue do tronco, que é largo, achatado e sem cauda. Os olhos são grandes e salientes com íris amarela e pupila horizontal; estão protegidos por duas pálpebras e por uma membrana nictitante. As narinas podem fechar-se por meio de válvulas; a membrana timpânica encontra-se à superfície da pele. A rã respira por pulmões.

A língua é bífida (partida em duas partes), livre atrás e nos bordos e fixa à frente, por meio dela pode caçar as suas presas arremessando-lhes a língua que sai quase toda fora da boca por estar presa só na parte anterior.

A rã tem dentes só na parte superior da boca e, tal como acontece nas cobras, o esófago é muito elástico. O intestino abre por uma cloaca.

O macho tem um coaxar mais alto que a fêmea em virtude de ter de cada lado da parte posterior da boca um reservatório de ar, reforçador de som, a que se dá o nome de saco vocal.

A pele é nua e está coberta por uma mucosidade pegajosa, esta mucosidade que é irritante, não só ajuda a conservar a pele húmida, como serve para se defender dos inimigos. A rã morrerá se a sua pele secar.

A rã tem dois pares de membros. Os membros posteriores são compridos e musculosos, próprios para o salto e os anteriores são curtos e só servem para amparar o corpo na queda.

Tem cinco dedos em cada membro, que são ligados por uma membrana que serve para facilitar a natação do animal.

Há muitas espécies de rãs como a rã verde, a rã dos charcos e a rã vulgar.

No Congo francês foi encontrada uma espécie de rã cujo corpo apresenta os membros e os lados recobertos de pelos, embora estes não sejam da mesma natureza que os dos mamíferos.

A rã vulgar tem de comprimento 17 cm. num total de 25 cm. se contarmos com as patas posteriores esticadas.

Quando as rãs se conservam mudas é sinal de bom tempo e quando elas coaxam é sinal de chuva.

Este animal alimenta-se sòmente de outros animais vivos, tais como insectos, vermes, lesmas, aranhas, peixes e rãs de outras espécies. Pode dizer-se que a rã é um animal útil, pois só é nociva nos viveiros de peixes.

Passa o inverno metida no lodo e só aparece na Primavera. A rã é ovípara.

Há quem coma perninhas de rã fritas, depois de esfoladas. Não podemos garantir que o *piléu* seja saboroso, mas experimentem...

Metamorfoses

No fim de Maio a rã fêmea põe ovos em grande quantidade no fundo da água, e dentro de 6 dias vemos que um pequenino círculo escuro, que cada apresenta, vai tomando forma, pouco a pouco, dando por fim origem a um novo animal que rompe a camada gelatinosa que o envolve.

Ao sair do ovo mede cerca de 1 cm. e tem uma longa cauda, não tem membros e apresenta o aspecto de um peixe de cabeça muito grande, donde o nome de peixe-cabeçudo ou peixe-sapo por que é vulgarmente conhecido. Durante três dias respira só pela pele o ar dissolvido na água, formando-se depois de cada lado da cabeça uns penachos chamados *guelras externas*, que saem de dentro duma *câmara bronquial*, coberta em parte por uma prega de pele e algum tempo depois estas guelras atrofiam-se e surgem outras constituídas por pregas na mucosa das *câmaras branquiais (guelras internas)*. A água entrando pela boca passa através das guelras. Mais tarde estas guelras transformam-se em pulmões. Aparecem depois os membros, primeiro os posteriores e depois os anteriores.

Ao fim de quatro meses o animal tem a forma adulta, já pode viver fora da água, mas em sítios húmidos e só poderá respirar ao ar livre.

Como verificas meu caro escoteiro, a rã é um animal interessante. O sapo tem características muito semelhantes. Não percas oportunidade de a observar. Mas aproxima-te muito devagar porque ao menor ruído a tua rã saltará ràpidamente para o fundo da água.

Se quiseres, também poderás construir um viveiro para rãs. E, coisa interessante, as rãs domesticam-se e chegam a vir comer à mão.

PENA RIBEIRO

BIBLIOGRAFIA

Lições de Zoologia, de Bernardo Ayres; Ciências da Natureza, de Augusto C. G. Soeiro e Carlos C. A. Vilameriz.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

1.º «Jamboree» das Caraíbas

A Associação dos Escoteiros da Jamaica trabalha activamente na preparação do «Jamboree» das Caraíbas que se deverá realizar de 5 a 17 de Março do próximo ano cerca da capital da Jamaica, Kingston.

Espera-se a presença de escoteiros dos diversos países da América do Norte, Central e do Sul.

O Governo da Jamaica vai emitir uma série de dois selos postais comemorativos, nas taxas de 2 e 6 dinheiros.

1.º «Jamboree» da Federação dos Escoteiros Católicos do Canadá

Esta Federação, filiada na Associação dos Escoteiros do Canadá, realizou em Vandreuil, de 20 a 28 de Agosto p. p., o seu 1.º acampamento geral com a comparticipação de 3.000 escoteiros e dirigentes.

O acampamento foi visitado por quatro dirigentes dos Serviços Centrais do Escotismo Canadiano.

1.º «Rover-Moot» Canadiano

Cerca de 500 escoteiros seniores e seus chefes, vindos de costa a costa do Canadá tomaram parte neste acampamento que se efectuou de 31 de Agosto a 4 de Setembro perto de Acton, Ontário.

Estiveram também presentes 40 escoteiros dos Estados Unidos, um pequeno contingente de Cuba e muitos novos seniores canadianos, emigrantes da Lituânia, Grécia, Alemanha Oriental, Noruega e Ucrânia, que deram um aspecto internacional ao acampamento.

Lord Alexander, Chefe Geral do Canadá; Lord Rowallan e a Repartição Internacional, enviaram saudações.

No regresso do VII «Jamboree» Mundial o General Spry visitou o acampamento e deu aos escoteiros acampados uma breve descrição daquela grande actividade.

O acampamento constituiu um grande êxito pelo alto nível educativo e técnico de que se revestiram todos os trabalhos técnicos e doutrinários.

Conferência Internacional de Dirigentes Escotistas Protestantes

Sob o patrocínio do Departamento da Juventude do Concílio Mundial de Igrejas, vai realizar-se de 19 a 22 de Fevereiro do próximo ano, em Genval, perto de Bruxelas, esta primeira conferência de Dirigentes Escotistas Evangélicos:

Do programa da Conferência constam os seguintes assuntos:

A Educação Cristã no Escotismo de acordo com Baden-Powell.

A Lei do Escoteiro e a Promessa.

Relatórios sobre a situação dos diferentes movimentos escoteiros e a sua relação com o trabalho da juventude da Igreja.

«A Igreja e Escotismo». «Qual é o lugar do Escotismo na Igreja — Comunidade de Juventude sem uma Comunidade Cristã.

(Conclui na 6.ª página)

O XVIII aniversário do Grupo 53

Com um vasto programa de festas esta florescente unidade de Lisboa comemorou o seu 18.º aniversário. No dia 1 de Dezembro, às 9 horas, no Templo da Igreja Lusitana de S. Paulo, efectuou se um culto de acção de graças, no qual o Rev. Eduardo Moreira exortou os escoteiros a continuarem a servir a Deus, servindo a Pátria e o seu semelhante.

À tarde, no salão de festas, realizou-se uma sessão solene a que presidiu o Sr. Miguel Balão, antigo simpatizante do Escotismo e elemento muito devotado a trabalhos de juventude. Secretariavam-no os Chefes Capitolino Ferreira Macedo, do grupo 94 e administrador do «*Sempre Pronto*»; João Henrique Pereira Soares, do Grupo 93 de Sintra; José Ferreira da Silva, do Grupo 1; e Eduardo Ribeiro, Director do «*Sempre Pronto*».

Coube ao nosso Director a palestra do dia, e, tomando por ilustração a fé e tenacidade do grande missionário e explorador africano Dr. Livingstone, afirmou que com o mesmo ardor com que Livingstone procurou as nascentes do Nilo, assim os escoteiros devem buscar, por entre as inovações e acrescentamentos que todos temos trazido ao Movimento, as origens do Escotismo e os conselhos de B. P.; pois manter a sua simplicidade e pureza não significa recusar aquilo que o progresso dos métodos pedagógicos possa trazer de útil ao Movimento, mas antes orientá-lo no bom sentido e tornar mesmo possível, sem deturpações, adoptar aquilo que se reconhecer vantajoso.

Assim, citando B. P., apontou o Escotismo «como um jogo alegre», não meramente uma sequência ou um programa de jogos, mas um jogo em si próprio, jogo que não é ficção, mas realidade, que é a actividade escotista, que é a forma de encarar a própria vida.

Terminou felicitando os Chefes e Escoteiros do 53 pela 18.ª etapa do «seu jogo».

O Chefe do 53, Sr. Armando Lino, tomou a palavra para agradecer a presença dalgumas famílias de Escoteiros e dos grupos representados, mas, com a sinceridade que o caracteriza, manifestou o seu desapontamento por estarem tão poucos grupos representados, quando é certo, disse, que o «53» procura sempre corresponder aos convites dos grupos de Lisboa por ocasião dos seus aniversários.

Embora o Chefe Lino o não tivesse dito, notou-se que o seu desgosto era também provocado pelo facto dos Serviços Centrais se não terem feito sequer representar.

Foi lido um telegrama de felicitações do Grupo 6 de Olhão.

Seguiu-se a distribuição de estrelas de antiguidade, insígnias de aptidão, medalhas e outras distinções, a que o presidente da sessão imprimiu um cunho agradável e alegre, que dispôs bem toda a assistência. Antes de encerrar a sessão o Sr. Miguel Balão elogiou o trabalho do grupo aniversariante e fez alguns comentários à palestra do nosso Director.

* * *

No Domingo à tarde, o grupo fez a sua tradicional Boa Acção. Juntou um grupo de 25 velhinhos pobres a quem ofereceu, com um sorriso de simpatia, um bom almoço.

* * *

No sábado, dia 8, à noite, perante numeroso auditório, o grupo promoveu uma sessão recreativa no seu salão de festas. Depois de uma parte de cinema, foi apresentada a comédia em 1 acto «Simplício Castanho & C.ª», pelos escoteiros juniores:

Carlos Alberto Silva, em *D. Pericles;*
José Rafael Baudouin, em *Simplício Castanho;*
Diamantino Pereira Machado; em *Empregado Pardal;*
João Raimundo; em *Teodorico Burrumeu*
Carlos Daciano Carvalho; em *Ilaião Beltrão*

A peçazinha ensaiada com gosto pelo Chefe Administrativo Mário Rocha Santos e Escoteiro José Bernardo, foi desempenhada com muito acerto. Porém, para avaliar o êxito que o Grupo 53 alcançou é preciso acrescentar que os «actores» tinham as seguintes idades: os dois primeiros 14 anos, o terceiro 10 anos, o quarto 12 anos e o quinto 11 anos. Pois apesar da sua pouca idade os rapazes desempenharam os papéis com segurança, provocando forte gargalhada na plateia.

Seguidamente foi representado o interessante auto «Era uma vez...», referente à data histórica do 1.º de Dezembro, da autoria do Chefe Mário Rocha Santos. Peça de difícil execução, toda declamada, foi desempenhada pelos mesmos escoteiros à excepção do Diamantino. Pois os quatro rapazinhos sairam-se da difícil tarefa com requintes de arte e conseguiram ter a assistência suspensa, portando-se de maneira a arrrancar fortes e prolongados aplausos.

O grupo 53 está de parabéns. O trabalho feito com os seus escoteiros juniores é notável e merece felicitações sinceras. Uma ou outra deficiência notada teve a vantagem de nos fazer sentir que os «actores» eram de *palmo e meio*. Pena foi que à excepção de um grupo entusiasta de rapazes do C. N. E. e três escoteiros do 13, mais nenhum outro grupo estivesse representado. O trabalho feito pelo 53 merece que todos os outros grupos de Lisboa o apreciem, para que tão sugestivo exemplo possa ser aproveitado, acabando-se com a sensaboria das festas dos nossos grupos. Todos os grupos, como o 53, podem ir buscar aos rapazes os elementos capazes de abrilhantar com arte as sessões festivas. Certamente que para alcançar semelhantes resultados é necessário muito esforço, mas o resultado educativo compensa bem.

* * *

No Domingo, dia 9, à tarde, o 53 encerrou as suas comemorações com um chá de confraternização ao qual compareceram muitas famílias de escoteiros e amigos do Grupo. O nosso jornal esteve representado pelo seu Director.

Cumprimentos ao "Sempre Pronto"

Tiveram a gentileza de nos mandar o seu cartão de Boas-Festas, manifestando-nos os seus melhores votos para o Ano Novo, os seguintes e dedicados amigos, Srs:

António F. M. Xavier de Brito, Faustino Leitão, João Patrício de Melo, Justino Estêvão da Silva, Raul Costa, Vítor Lima Santos, Wolfgang Karl, Ottosgráfica, L.da, Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, dos Grupos n.os 5, 53, 94, da prestimosa Casa Mãe das Raparigas da Cidade, todos de Lisboa.

Rev. Vidal Vieira dos Santos e do Grupo 15, do Porto; do Grupo 93 de Sintra; da Junta Local de Setúbal do Corpo Nacional de Escutas, António Viegas Custódio, de Carcavelos; A. Vicente Campinas, V. Real de S.to António; Grupo 33 de Leiria; Grupo n.º 84 do Entroncamento; Grupo n.º 6 e da sua Patrulha Galo, Francisco do Nascimento Pina e João Lobo Miranda Trigueiros, de Olhão.

Clã Lobo Gris, de Madrid; Joaquim Peñarroya, de Melilla; Enrique Saco, José Magallón, J. Forasté Oliver, de Madrid. A. Moragues, de Valência; Pedro José Inaraja Diaz, M. de M. — B. S. de C., de Barcelona, União dos Escoteiros do Brasil, Tenente Coronel Léo Borges Fortes, do Brasil.

François Baradez, Roger Tiesset, Juan Vilar e La Huttè, de França. Traude Osnet e Rosemarie, do Liechtenstein. Frederico Kreindl, da Áustria.

A todos estes nossos bons amigos retribuímos os votos formulados e agradecemos reconhecidos a sua amável atenção.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

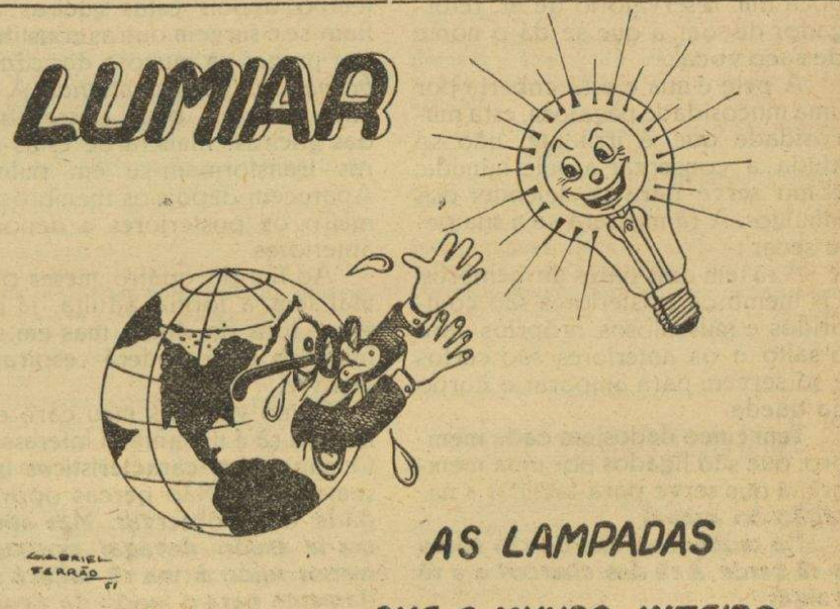
(Conclusão da 5.ª página)

Fraternidade Escotista e Unidade Cristã. Escotismo como Evangelização.

A Conferência será iniciada e encerrada com serviços religiosos.

Está indicado para Presidente o Dr. R. C. Mackil, Secretário Geral do Concílio Mundial de Igrejas, antigo Chefe Escoteiro.

O Escotismo Evangélico Português foi convidado para esta Conferência.



NOVOS HORIZONTES

para os Escoteiros de Portugal

Em consequência de uma tese sobre Escotismo apresentada no 2.º Congresso da Juventude Evangélica Portuguesa, constituiu-se uma comissão com vista a formar o organismo previsto no artigo 21.º dos Estatutos da A. E. P., a fim de desenvolver o Movimento Escotista nas Igrejas e Associações evangélicas de todo o país.

Esta Comissão remeteu-nos o seu Comunicado n.º 1, no qual informa que está organizando a União Evangélica de Escoteiros de Portugal, tendo elaborado um projecto de Estatutos que submeteu à aprovação da Direcção da A. E. P., que foram elaborados segundo o espírito dos Estatutos da mesma Associação e nos moldes das federações de grupos católicos na Inglaterra e Canadá, filiadas nas respectivas associações nacionais.

Deram já a sua adesão a esta iniciativa os grupos n.ºs 53 e 94 de Lisboa, 15 do Porto, 91 de Gaia, 40 de Setúbal e 33 de Leiria. Está reorganizado o Grupo 78 da Figueira da Foz, na Igreja Evangélica desta cidade; e iniciou-se a organização de um grupo na Igreja Presbiteriana da Rua de S. Bento. Também se projecta a fundação de um grupo na Juventude Evangélica Portuguesa.

Logo que a Direcção da A. E. P. dê a sua aprovação oficial ao novo organismo — que funcionará no género de um grande grupo — será dado início a um trabalho de propaganda que levará o escotismo a diferentes pontos do país e poderá marcar uma nova fase de progresso nos Escoteiros de Portugal.

A Comissão Organizadora pede, no seu Comunicado, a todas as associações evangélicas interessadas na obra educativa do Escotismo o favor de se lhe dirigirem, expondo as dificuldades que porventura encontrem na organização de grupos de escoteiros, para que em colaboração se estude a maneira de as resolver.

A sede provisória da União é na Rua das Janelas Verdes, no extinto Convento dos Marianos.

Uma campanha para novas assinaturas

Um apelo aos amigos do «Sempre Pronto»

O nosso jornal precisa urgentemente de mais assinaturas. Pelo menos 100. Só assim poderemos equilibrar o seu orçamento em 1952. O nosso pedido não é para satisfazer um capricho, pelo prazer de aumentar a expansão, mas uma necessidade urgente a fim de garantir a publicação.

Apelamos, por isso, para os amigos mais dedicados do nosso jornal, para que no princípio deste ano façam um esforço especial para nos remeterem **uma só assinatura que seja.** Se todos corresponderem ao nosso apelo, enviando-nos **UMA SÓ ASSINATURA NOVA**, o nosso alvo será ultrapassado e a situação financeira do «*Sempre Pronto*» ficará assegurada.

Contamos com a colaboração dos nossos leitores e esperamos a remessa das novas assinaturas como uma coisa certa.

Para cada amigo que nos propuser 2 novas assinaturas — e depois destas pagas — esperamos ter uma lembrança. Será uma lembrança modesta, mas recordará uma honrosa cooperação na obra do nosso jornal.

Para os grupos de escoteiros, patrulhas, ou escoteiros que nos remetam 10 assinaturas novas, e depois das mesmas liquidadas, teremos um prémio especial e um diploma de mérito da nossa campanha.

A fim de seleccionarmos as lembranças e prémios, pedimos a todos os amigos que nos remetam novas assinaturas, ou nomes de possíveis assinantes, que indiquem, por favor, se o remetente é «Escoteiro», «Antigo-Escoteiro» ou apenas «Amigo dos Escoteiros».

O «*Sempre Pronto*» oferece aos seus leitores uma oportunidade de lhe ser manifestada simpatia. Ajude-nos! Nós precisamos muito da sua cooperação. Mande-nos, pelo menos, uma só nova assinatura. Mostrará assim que é amigo do «*Sempre Pronto*» e nós lhe agradeceremos.

DESENHO
COMERCIAL E ARTÍSTICO DE TODO O GÉNERO, PUBLICIDADE, ETC.
Avenida A, 14, 4.º D.—Areeiro - LISBOA

XYLAMON

Produto SOLVAY para tratamento de madeiras (PREVENTIVO E CURATIVO), contra fungos e insectos, incluindo a FORMIGA BRANCA.

XYLAMON

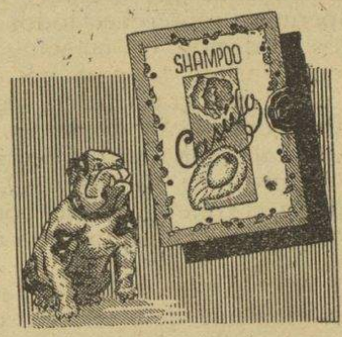
(em diferentes qualidades e tipos, segundo as aplicações), será brevemente lançado no mercado pela

SODA PÓVOA, S. A. R. L.
PÓVOA DE SANTA IRIA
TELEF. PÓVOA 9 E 10
Em Lisboa: Av. Luís Bívar, 22-1.º—Tel. 45778

Agentes de Vendas:
SANTOS MENDONÇA, L.DA
LISBOA e PORTO

Pedidos de informes podem desde já ser dirigidos à SODA PÓVOA, S. A. R. L.

O MELHOR GUARDA DOS SEUS CABELOS É O ADMIRÁVEL



SHAMPOO-CASULO

QUE, DE FACTO, EVITA A CALVÍCIE

O «Shampoo-Casulo» dá espuma abundante e compacta como nenhum outro, não é cáustico, não tem potassa, nem amónia, nem sabão oxigenado e dissolve caspa e seborreia.

Não há outro Shampoo igual, evita a queda do cabelo e as cabeleiras tornam-se mais fortes, espessas e onduladas.

Depois da lavagem com o «Shampoo-Casulo» para fixar os cabelos, visto que ficam desengordurados e soltos, empregar um pouco de vaselina sólida ou líquida.

O «Shampoo-Casulo», que custa 5$00 e 4$00 cada carteira, respectivamente, para Senhora e Homem, vende-se nas principais perfumarias, farmácias e drogarias do País, mas se não o encontrar no seu fornecedor habitual peça pelo Telef. 38232 ou à SOC. PORTUGUESA DE SABÕES, LDA., Rua dos Lusíadas, 29, LISBOA, que lhe será fornecido pelos mesmos preços contra selos de correio.

Notas à margem do

Projecto do Regulamento Geral da A. E. P.

A Direcção da A. E. P. iniciou o estudo do projecto de Regulamento Geral e começou já a fazer a sua publicação em folhas copiografadas. O «*Sempre Pronto*», procurando colaborar nesse estudo da Direcção, inicia também um comentário ao referido projecto, discutindo alguns dos seus pontos, no intuito de trazer qualquer contribuição útil ao êxito de iniciativa tão necessária.

Antes de o fazermos, porém, queremos prestar homenagem à Direcção da A. E. P. por ter metido ombros à tarefa, prova de que deseja pôr ordem nos serviços associativos. Não reputamos o trabalho difícil. Existem já Regulamentos antigos, de cuja experiência podemos beneficiar, e em todas as associações escotistas há regulamentos que foram estudados e publicados. Contudo, a falta de um Regulamento Geral fazia-se sentir há muito, sem que até hoje alguém se decidisse a fazer um trabalho sério. Esta Direcção tem ainda a virtude de não pretender, segundo informa, fazer um novo Regulamento, mas apenas actualizar o antigo. Felicitamo-la e desejamos que o seu esforço conduza a um completo êxito.

Lamentamos que o espaço nos não permita transcrever todos os artigos. Podemos, no entanto, dizer que o artigo 1.º, com três alíneas e um parágrafo único, segue a mesma orientação do R. G. de 1932. Foi alterada a redacção, mas nem sempre com vantagem. O R. G. citado era mais conciso como convém a um documento desta natureza.

O Art.º 2.º foi alterado. Teria necessàriamente de o ser, mas parece que se deveria manter: — *A A. E. P. deseja e aceita a cooperação moral e educativa da Família.* Os artigos 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º seguem quase a mesma orientação do antigo regulamento, com as necessárias actualizações.

O Art.º 8.º trata da classificação dos escoteiros e sua admissão, e diz.

Os Sócios Activos ou Escoteiros classificam-se em:

Escoteiros *e Dirigentes.*

§ 1.º — Os Escoteiros agrupam-se, conforme a sua idade, nas Divisões seguintes:

a) — *Alcateia de Lobitos*
b) — *Divisão de Escoteiros*
c) — *Divisão de Exploradores*
d) — *Clã de Caminheiros*

§ 2.º — Os **Escoteiros** *de cada uma das Divisões chamam-se «Lobitos», «Escoteiros», «Exploradores» e «Caminheiros».*

A distribuição pelas Divisões corresponde, respectivamente, aos Escoteiros que tenham desenvolvimento correspondente às idades normais de 6 aos 11, dos 11 aos 15, dos 15 aos 20 e mais de 20 anos.

§ 3.º — Os Dirigentes Escotistas são todos os escoteiros nomeados para desempenhar funções de Direcção nos organismos associativos, a partir do Chefe de Divisão.

Este artigo merece alguns comentários, que esperamos a Direcção irá ponderar. O R. G. não pode contrariar a matéria dos Estatutos. Portanto não há sócios «Activos», mas sim «Efectivos». (art.º 8.º dos Estatutos).

«Alcateia» e «Clã» não são as Divisões em que os escoteiros se agrupam, mas sim as unidades que correspondem aos «grupos» nos júniores, que se passarão a chamar «Escoteiros».

Parece que o artigo deveria dizer:

«Divisão de Lobitos;
Divisão de Escoteiros;
Divisão de Exploradores;
Divisão de Caminheiros.

§ 1.º as unidades que constituem a divisão de Lobitos chamam-se «Alcateias», as unidades que constituem as divisões de Escoteiros e Exploradores chamam-se «Grupos» e as unidades que constituem a Divisão de Caminheiros chamam-se «Clãs».»

A constituição de quatro Divisões é, certamente, inspirada pelo regulamento britânico. Todavia, o assunto não foi bem estudado. A divisão, a que os ingleses chamam «Senior», surgiu porque se reconheceu que os escoteiros que se reuniam na Divisão chamada até agora Júnior, de 12 a 17 anos de idade, não tinham todos o mesmo desenvolvimento psíquico e físico. Reconheceu-se que dos 15 aos 17 anos o rapaz se distinguia da idade dos 12 aos 14 anos e a colaboração não era suficientemente útil. Os ingleses criaram a Divisão «Senior», preparatória da Divisão «Rover». Depois dos 17 anos o escoteiro passa a «Rover».

Em Portugal não há que prolongar essa idade. Para o nosso temperamento se alguma alteração se fizesse seria para antecipar.

Depois não devemos esquecer que o Escotismo é para rapazes e não para adultos. Aos 20 anos já não é idade de mudar de Divisão. O «Caminheiro», aceitemos a designação, poder-se-á manter nas fileiras até casar ou até atingir certa idade, na associação inglesa 25 anos. Depois escolhe entre ingressar nos quadros Dirigentes ou nos Antigos-Escoteiros. Em Portugal os 25 anos deveriam ser, talvez, um pouco recuados.

A Divisão de Exploradores, o nome não foi mal escolhido, deverá portanto ser para escoteiros de 15 a 17 anos de idade, embora nos pareça que não temos quadros para de momento entrar em tais pormenores de organização.

O art. 9.º estabelece o Compromisso que é igual ao adoptado anteriormente. Manteve-se a mesma redacção do 2.º artigo: — «*Proceder como homem consciente dos seus deveres*». Não foi esta a fórmula do Compromisso sugerida por Baden-Powell, nem é assim formulada noutra qualquer associação escotista, inclusivamente no Corpo Nacional de Escutas. A fórmula que mais se aproxima da que foi sugerida por B. P., da usada mundialmente e que está de acordo com o ideal escotista, é:

«*Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias*».

Exigir que um rapaz, adolescente, se comprometa a proceder *como um homem consciente dos seus deveres* é coisa inconcebível, pedagògicamente condenável. Como pode uma criança de 12 ou 13 anos interpretar semelhante artigo? De resto o Escotismo visa a ensinar os rapazes a viverem como rapazes, segundo o seu temperamento de rapazes, orientando-os para uma actividade útil, criando hábitos de disciplina, aptidões de trabalho, espírito de iniciativa. Exigir que uma criança se comprometa a *proceder como um homem* e ainda por cima *consciente dos seus deveres* parece-nos quase loucura.

(Continua no próximo número)

ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO N.º 7

Este Grupo, de tantas tradições no nosso Movimento, a que pertenceram tantos escoteiros que honraram o Escotismo, está de novo tentando a sua reorganização. Acaba de instalar a sua Sede num anexo dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Rua Camilo Castelo Branco, 53, onde todas as 5.as feiras, depois das 21 horas, se recebem inscrições para aspirantes a escoteiros.

O actual chefe, Sr. Otelo Henriques de Sousa, terá também muito prazer na visita dos antigos escoteiros do grupo.

O «Sempre Pronto» faz votos de que o «Sete» consiga agora entrar num período de trabalho.